

# “Se podes ver, repara”: um olhar sobre o ethos da mulher do médico em “*Ensaio sobre a cegueira*”

## “If you can see, notice”: a look at the ethos of the doctor’s wife in the novel “*Blindness*”

Suely Symara de Almeida <sup>1</sup>

Sueilton Junior Braz de Lima <sup>2</sup>

Paloma da Silva Oliveira <sup>3</sup>

Gilton Sampaio de Souza <sup>4</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar como se constitui o *ethos* da mulher do médico, personagem do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. O presente artigo fundamenta-se nas categorias teórico-analíticas da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e em estudos como os de Aristóteles (2005), Reboul (2004), Souza (2003), Meyer (2007) e Mosca (2001). O *corpus* é composto por excertos das falas da personagem e recebeu tratamento analítico-interpretativista. Pôde-se constatar que o *ethos* da protagonista é constituído por dualidades, oscilando entre a imagem de mulher altiva e a imagem de mulher fadada ao fracasso. As oscilações são decorrentes da relação orador e auditório, isto é, o *pathos* do auditório exige a adaptação do *ethos* da oradora para que esta continue ganhando credibilidade sobre sua “cegueira”. Os resultados deste estudo contribuem para as discussões teóricas e analíticas no âmbito da Nova Retórica, sobretudo no que se referem às questões sobre *ethos* do orador e sua relação indissociável com o auditório na construção da argumentação.

**Palavras-chave:** Nova Retórica. *Ethos*. Ensaio sobre a cegueira.

### ABSTRACT

The objective of this work is to investigate how the ethos of the doctor’s wife is constituted in José Saramago’s novel, *Blindness*. This article is based on the theoretical-analytical categories from the New Rhetoric by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), and on studies like Aristotle (2005), Reboul (2004), Souza (2003), Meyer (2007) and Mosca (2001). The corpus consists of excerpts from the character's speeches and received analytical-interpretive treatment. It was possible to verify that the protagonist's ethos is constituted by dualities, oscillating between the image of a lofty woman and the image of a woman doomed to failure. Oscillations are due to the speaker and audience relationship, that is, the auditorium's pathos requires the adaptation of the speaker's ethos so that she continues to gain credibility about her “blindness”. The results of

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1873-7804>. E-mail: [suelysymara@hotmail.com](mailto:suelysymara@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0355-9833>. E-mail: [sueilton-pdf@hotmail.com](mailto:sueilton-pdf@hotmail.com).

<sup>3</sup> Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1573-3819>. E-mail: [palomaoliveirasilva@hotmail.com](mailto:palomaoliveirasilva@hotmail.com).

<sup>4</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7637-0751>. E-mail: [giltonssouza@gmail.com](mailto:giltonssouza@gmail.com).



this study contribute to the theoretical and analytical discussions of the New Rhetoric, above all in issues concerned with the orator's *ethos* and his/her inseparable relationship with the auditorium in constructing the argumentation.

**Keywords:** New Rhetoric. *Ethos*. Novel *Blindness*.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender como os processos argumentativos mobilizados pela mulher do médico, protagonista do romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), revelam o seu *ethos*, e como a personagem vai adequando essa imagem ao longo de suas vivências na narrativa. Para tanto, fez-se oportuno interpretar as teses reveladas pela protagonista e perceber como elas corroboram para a constituição de um *ethos* mesmo perante o auditório composto por pessoas que são acometidas por uma cegueira branca.

O escritor português José Saramago, autor da obra analisada, apresenta diálogos longos, sem a presença das normas gramaticais, e não nomeia as personagens com nomes próprios, como estamos acostumadas a encontrar em outras obras literárias. Conforme Alexandre (2009), além dessas serem características que evidenciam o estilo do autor, ainda fazem parte das marcas da literatura contemporânea. Nesse sentido, Saramago emprega adjetivações as suas personagens como, por exemplo, a mulher do médico, o garotinho estrábico, o velho da venda preta, a rapariga dos óculos escuros, os cegos malvados, entre outras. Segundo Alexandre (2009, p. 1), o autor “[...] utiliza diálogos escritos sem marcação de travessão, narrativa fragmentada, polifonia, intertextualidade, não explicitude nos nomes próprios nas personagens e leitor construtor de sentidos”. Desse modo, já é característico do estilo literário do autor a personificação ou até mesmo a estereotipação agregada às personagens de acordo com cada adjetivo e, através disso, a obra convida o leitor a olhar as mazelas existentes na sociedade atual.

À vista disso, podemos dizer que a oradora vai construindo várias imagens de si durante o desenrolar da narrativa. Essa mudança se justifica pelo fato de a protagonista enfrentar diversos desafios em todo o enredo vivido por ela e pelos demais contaminados com a cegueira branca, ocasionando, conseqüentemente, a construção de diferentes *ethos* para as situações degradantes e sub-humanas vivenciadas por ela e pelos outros personagens envolvidos no enredo.

Para a realização deste artigo, utilizamos o recorte de oito excertos retirados da obra literária, os quais contêm apenas as falas da personagem principal do romance, a mulher do médico. A seleção desses trechos se deu após fazermos a leitura da obra e a constatação de que os elementos





argumentativos encontrados nessas oito passagens davam destaque à formação do *ethos* no discurso da protagonista.

A obra *Ensaio sobre a cegueira* foi publicada em 1995 pelo autor português José Saramago e, conforme Teixeira (2010, p. 2), “a metáfora central, articuladora de toda a narrativa, é a cegueira.” Nesse caso, o escritor apresenta a metáfora da cegueira branca, usada propositalmente para designar a “cegueira” existente na humanidade, uma forma de explicar o quanto o ser humano se torna frio e calculista diante de uma situação totalmente inusitada e catastrófica.

Para o desenvolvimento do trabalho, tomamos como base os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), como também as contribuições de Reboul (2004), Souza (2003, 2008), Meyer (2007) e Mosca (2001). Com relação às considerações textuais sobre a crítica literária, apoiarnos-emos nos pressupostos teóricos de Alexandre (2009), Alves e Sousa (2013), Teixeira (2010), Sena e Figueiredo (2013) e Souza, Costa e Moreira (2017). A análise proposta norteou-se pela combinação dos métodos dedutivo e indutivo, abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo.

Considerando os objetivos propostos, entendemos que este trabalho contribui para as pesquisas realizadas sobre a argumentação, principalmente para as reflexões da Nova Retórica, e, de um modo mais amplo, para as pesquisas que tenham a linguagem como objeto de estudo. Em especial, pode ser propositivo para os discentes do curso de Letras que se deparam com a disciplina Argumentação no currículo acadêmico, pois são poucos os trabalhos desenvolvidos sob a ótica dos estudos da argumentação da Nova Retórica. Além disso, contribuímos para a formação do profissional de línguas, proporcionando aportes teórico-metodológicos para o trabalho com a argumentação na produção de textos dos mais variados gêneros e formas.

Nas seções a seguir, discutiremos sobre os estudos retóricos que fundamentam nosso trabalho. Nesse sentido, abordaremos reflexões sobre a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca; também sobre os pilares da argumentação: *ethos*, *phatos* e *logos*; e discussões sobre a formação das teses. Em seguida, realizaremos as análises com “um olhar” sobre o *ethos* da personagem mulher do médico, da narrativa *Ensaio sobre a cegueira*. Por fim, em nossa conclusão, apresentaremos os resultados encontrados a respeito da constituição do *ethos* dessa personagem principal.



## 2 FUNDAMENTOS DOS ESTUDOS RETÓRICOS: DOS POSTULADOS GREGOS À NOVA RETÓRICA

A Retórica não surgiu em Atenas, mas sim na Sicília grega, com a expulsão dos tiranos por volta dos anos de 465 a.C., e sua origem é pertencente ao domínio judiciário, não ao literário. Logo após a saída do governo, os cidadãos começaram a reclamar seus bens, sobrevivendo uma espécie de guerra civil, e como naquela época não existiam advogados, era preciso encontrar uma forma adequada de provar que os seus argumentos eram legais e verossímeis, para, então, sustentarem as suas causas. Segundo Reboul (2004), dois discípulos do Filósofo Empédocles publicaram uma espécie de coletânea de exemplos de como os cidadãos poderiam recorrer aos judiciários. Dessa forma, as pessoas faziam uma escritura contendo as suas possíveis queixas, mas elas só poderiam ser lidas diante do tribunal.

Os retores, com o senso agudo de publicidade, ofereciam aos litigantes e aos logógrafos um instrumento de persuasão que afirmavam ser incrível, capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa. Sua retórica não argumenta a partir do verdadeiro, mas a partir do verossímil. (REBOUL, 2004, p. 14)

Podemos perceber que os fatos não apresentavam o verdadeiro em si, mas uma espécie de “verdade” plausível pertencente a uma determinada pessoa, existindo a possibilidade de ser lida diante do júri e, consecutivamente, a possibilidade de os argumentos apresentados serem fortes o suficiente para ganhar a causa.

No ano de 427 a.C., outro discípulo de Empédocles, Górgias, segue para Atenas, coloca em prática sua capacidade de falar e de se expressar com desenvoltura, conseguindo, então, encantar os atenienses, que já estavam vivendo em democracia. É daí que surge uma nova fonte de Retórica.

Como naquele tempo a Grécia e a Sicília apresentavam uma espécie de vínculo, que ficou mais evidente com a ruptura da ditadura, os cidadãos passaram a ter o domínio da argumentação por meio de uma coletânea de preceitos, uma espécie de oratória, em que as pessoas poderiam reclamar suas causas diante dos poderes da justiça ou até mesmo em praça pública.

Com isso, a Retórica passa a ser vista não apenas como uma forma jurídica, mas como uma disciplina complementar ensinada pelos sofistas com o intuito de fazer as crianças aprenderem a arte do bem falar e, consecutivamente, argumentar de forma satisfatória e elegante. Como diz Silva (2013, p. 22), “a preocupação dos mestres era mostrar aos seus alunos como encadear os argumentos de modo coerente e eficaz, cuidar do estilo, encontrar figuras exatas, falar distintivamente e com





vivacidade”. Posto isto, os professores, isto é, os sofistas, passam a ser os pioneiros com os ensinamentos de carácter pedagógico, que visavam a uma forma eloquente de discursar.

Por volta de 384-322 a.C., Aristóteles sugere uma nova ideia de Retórica. Para ele, a Retórica seria mais que um sistema filosófico, bem diferente da arte de argumentar ensinada nas escolas, seria uma ciência que permite ao interlocutor fazer as escolhas adequadas para persuadir o seu auditório. Segundo Aristóteles (2005, p. 24), a “Retórica é, pois, uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação. Não de toda a comunicação, obviamente, mas daquela que tem fins persuasivos”. Nesse caso, trata-se de uma argumentação sólida que faz prevalecer a forma de defesa e não mais aquele poder de dominação sobre o outro, fazendo-se necessário, sobretudo, prestar atenção nos seguintes elementos: o *ethos*, o *phatos* e o *logos*.

Tratando desses três elementos, Meyer (2007) afirma que o *ethos* não apresenta um objetivo próprio, porém, exerce um laço com a pessoa/orador, com a imagem que ela transmite de si. Em suas próprias palavras, “o *ethos* é o orador como princípio e também como argumento de autoridade” (MEYER, 2007, p. 35). Já o *phatos* está ligado diretamente à ideia de paixão, em que, numa situação, são respondidos os questionamentos do auditório, de quem se pode obter emoção, paixão e opiniões.

O *logos* nada mais é do que os argumentos recebidos diante das perguntas que são feitas pelas pessoas que falam, é aquilo que está em questão, as teses e os diálogos que são proferidos sobre algo. Para isso, Meyer (2007) explica que se faz necessário levar em consideração todo o contexto para que possa haver a interação entre o orador e o auditório, permitindo a troca e o compartilhamento das respostas (*logos*) que foram levantadas anteriormente.

Outro aspecto importante que precisa ser levado em consideração em toda a argumentação são as emoções. De acordo com Aristóteles (2005), o orador manipula as emoções dos seus ouvintes para melhor atender aos seus propósitos, e elas podem ser: amizade e inimizade; temor e confiança; vergonha e desvergonha, entre outros, que podem ser, em certa medida, usadas e controladas pelo orador, com intuito de que o auditório adira a sua tese inicial, chegando a fazer as escolhas necessárias para agir de acordo com o que ele propõe. Para Sena e Figueiredo (2013, p. 05), “Aristóteles trouxe importantes contribuições aos estudos retóricos e a outras áreas do saber, como é o caso da Linguística.”. Desse modo, a Retórica fica conhecida como a arte do bem falar e persuadir.

Aristóteles proporcionou importante legado aos estudos retóricos, sendo inconcebível pensar em Retórica sem se remeter aos postulados do filósofo grego. Posteriormente aos postulados aristotélicos, muitos estudos se constituíram, como os dos romanos Quintiliano e Cícero, que,





influenciados pela Retórica grega, produziram conteúdos que proporcionaram à Retórica uma aproximação com a docência e a distanciaram do seu caráter social e político. Com os estudos retóricos sendo difundidos no Império Romano, período no qual esse povo expandiu seus horizontes políticos e coloniais, a Retórica se aproximou da igreja (instituição), que a tinha como excelente ferramenta de catequização. Com isso, por meio do surgimento do pensamento positivista no século XIX, essa ciência caía no desprestígio e só se ergueria tempos depois, no Pós-Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir dos postulados de Perelman e Olbrechts-Tyteca.

## 2.1 A Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca

A Nova Retórica se preocupa com estudar não apenas a arte de raciocinar, do saber se expressar diante de um auditório, como defendia Aristóteles – embora se apoie em vários conceitos dos estudos aristotélicos –, mas sim com estudar a arte de persuadir o outro por meio de técnicas argumentativas. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 6) assumem que o seu tratado de argumentação “ultrapassará, em certos aspectos – e amplamente –, os limites da Retórica antiga, ao mesmo tempo em que deixará de lado outros aspectos que haviam chamado a atenção dos mestres da Retórica.”

Percebemos, então, que os autores da Nova Retórica fazem certa crítica à antiga Retórica, pois eles não aceitam mais aquele sistema mecânico em que as pessoas usavam as palavras apenas como arte do bem falar, aquela velha forma bonita e eficaz de dialogar. Para eles, as palavras tinham que fazer sentido, chegando ao ato de convencimento e persuasão do seu ouvinte/auditório.

A partir disso, começam a surgir novos postulados, uma nova forma de estudar a argumentação, deixando de lado estudos realizados que focam apenas o discurso jurídico e/ou aquele discurso falado diante de um público-alvo. Emerge, assim, uma nova perspectiva, com a intenção de estudar todos os gêneros discursivos, ou seja, todas as formas de linguagens. Segundo Silva (2013, p. 26), “os fundadores da Nova Retórica se interessam pelo estudo das práticas discursivas, considerando os aspectos sociais, históricos e ideológicos das teses defendidas pelos interlocutores em seus processos de discursivização”.

Conforme Souza (2008), entende-se por argumentação as relações humanas, mais precisamente as relações entre o orador e o auditório, em que o falante tenta convencer o seu interlocutor de que os seus argumentos estão devidamente colocados da maneira mais correta possível. Funciona como uma relação e interação de ambas as partes em situações autênticas do uso





da linguagem e do discurso. “Assim, discurso é entendido como ato argumentativo, como uma produção de sentidos dialética entre orador e auditório” (SOUZA; COSTA; MOREIRA, 2017, p. 390), pois, na medida em que o orador e o auditório interagem, produzem sentidos e significados, revelando um diálogo interacionista e argumentativo (ALVES; SOUSA, 2013).

## 2.2 Teses

Para que possa haver uma argumentação, é necessário existir uma ideia a ser defendida, e essa ideia denomina-se *tese*. Segundo Souza (2008), numa interação dialógica, a tese assume uma importante função, visto que chega a ser o objetivo principal diante de uma situação comunicativa. Sobre isso, Souza (, p. 32) afirma que: “dentre essas definições, é fundamental assumirmos uma noção clara de tese, pois, no processo dialógico, ela se apresenta como um elemento axial: o *logos*, ou seja, o lado racional da argumentação.”. Com esse entendimento, o autor afirma ainda que:

Nas interações discursivas que constituem as relações dos seres humanos, os oradores, ao construir os seus textos, o que implica em defender teses, dialogam com os seus interlocutores também nas relações estabelecidas entre as teses argumentativas, uma vez que, nessa interação dialógica, o orador almeja convencer o seu auditório da veracidade ou plausibilidade de seus argumentos [...]” (SOUZA, 2008, p. 66)

De acordo com Souza (2008), as teses funcionam como algo que pode ser provável, verossímil e aceitável pelo seu *pathos*. Dessa maneira, elas se aplicam diante de um público, pois sempre o orador quer convencê-lo de que as suas ideias estão baseadas na “verdade”. Para Souza (2008, p. 68), “as teses de um texto revelam os discursos, historicamente situados e argumentativamente construídos nos textos.”.

Para Costa e Souza (2009), o discurso faz o falante revelar as suas intenções para com o seu interlocutor. O sujeito procura as melhores frases, ou seja, os melhores argumentos, sempre com o objetivo de fazer o seu público chegar à adesão da sua tese. Podemos perceber que as teses são fundamentais para que o orador exerça o seu papel, transmitindo a sua mensagem, servindo de elo entre a pessoa que fala e o seu interlocutor. Para isso, é preciso que o orador leve em consideração as técnicas argumentativas para ajudar no discurso do orador e até mesmo garantir que o público aceite a tese que está sendo levantada.





### 3 “UM OLHAR” SOBRE O *ETHOS* DA PERSONAGEM A MULHER DO MÉDICO

A obra *Ensaio sobre a cegueira*, como já discutido neste trabalho, apresenta características peculiares do próprio autor, uma vez que a história se passa em torno de uma cegueira que não se trata de um problema patológico, mas de uma cegueira branca, pela qual se passa todo o enredo desse instigante romance. A obra ainda convida o leitor a olhar para as mazelas existentes na sociedade contemporânea.

Inicialmente, um homem cego enquanto espera o semáforo abrir. Ele é levado para casa com a ajuda de um estranho, que aproveita para lhe roubar o carro. Depois disso, todas as pessoas que estiveram perto do primeiro cego passaram a cegar repentinamente, a exemplo daquelas que estavam no consultório médico aguardando pela consulta, que são: o rapazinho estrábico, o velho da venda preta, a rapariga dos óculos escuros, a mulher do primeiro cego, entre outros. Ao chegar em casa, o médico também é surpreendido com a cegueira branca. Ao perceber que está cego, avisa às autoridades o que está acontecendo. O governo, apavorado e com a intenção de proteger as outras pessoas que não estão cegas, envia todos os contaminados para uma espécie de quarentena, deixando-os à mercê da própria sorte.

A mulher do médico, a única que não é contaminada pela cegueira branca, finge-se de cega para acompanhar o seu esposo. Ao chegarem no manicômio, os cegos e a mulher do médico passam a viver em extrema degradação humana, como se fossem animais num lugar totalmente sujo e fedido. Com o passar dos dias, aumenta-se o número de pessoas cegas no manicômio. O último grupo de cegos a chegar é composto por mafiosos que se aproveitam da ocasião e pegam toda a comida que é distribuída, visando usá-la como moeda de troca.

Ao perceberem que as demais pessoas não tinham mais dinheiro para pagarem a alimentação, o grupo do mal decide que as mulheres das camaratas<sup>5</sup> paguem os alimentos em troca de sexo. A mulher do médico, que já não aguentava mais ser estuprada, decide matar o mentor dos cegos. Após a morte do malfeitor, ela coloca fogo dentro da camarata dos malfeitores, dando início a um enorme incêndio. Depois desse acontecimento, todos conseguem sair do manicômio. Ao passear pelas ruas da cidade, a mulher percebe o caos gerado em toda a cidade, pois todas as pessoas, menos ela, haviam cegado. Depois de tanto sofrimento, os cegos voltam a enxergar, um por um, e então a mulher do médico pensou que era a sua vez de cegar, mas ela continuou vendo a cidade lá embaixo, constatando que ela ainda enxergava.

<sup>5</sup> Na obra *Ensaio sobre a cegueira*, trata-se de grandes quartos de dormir com diversas camas, muito comuns em hospitais.





Após essa apresentação do livro e para compor nossa materialidade de análise, mostraremos um recorte da obra, o primeiro excerto extraído de uma das primeiras falas da protagonista, produzida depois que o oftalmologista atende o primeiro contaminado com a cegueira branca de forma inusitada. Após atender o paciente, o médico percebe que também foi contaminado e, ao ligar para as autoridades, foi informado de que iriam enviar uma ambulância para levá-lo ao local em que estavam os outros cegos. Com isso, a protagonista relata:

#### Excerto 01

Tem **que me** levar também a mim, ceguei agora mesmo. (SARAMAGO, 1995, p. 44)

Nesse trecho, embora a oradora diga que está cega e que, por isso, precisa ser levada junto, na verdade, ela finge cegueira para acompanhar o marido a um destino ainda desconhecido por eles, demonstrando preocupação e necessidade de estar por perto, caso o esposo assim precise. Dessa forma, a tese apresentada pela oradora é que ela também precisa ser levada. Percebemos, logo no início do livro, que a oradora faz uso da sua tese ao falar “tem que me levar também a mim”, e evidencia que precisa ficar ao lado do seu marido. Nessa direção, se seu marido iria ser colocado em quarentena, ela também teria que ir junto, já que também estaria contaminada.

Considerando a argumentação como as relações estabelecidas entre o orador e o auditório (SOUZA, 2008), em que o orador, a partir do uso da linguagem, tenta convencer o outro ao apresentar um *ethos* ou imagem de si, notamos que a mulher do médico constitui um *ethos* de mulher companheira e forte, pois se mostra uma pessoa de muita personalidade e, acima de tudo, muito corajosa, já que faz de tudo para permanecer perto da pessoa que ama. Esse *ethos* fica bem evidente quando ela apresenta a tese de que tem que ir com o marido. Ao nos ancorarmos em Meyer (2007), que aborda o *ethos* como a imagem que o orador quer passar de si para o público, percebemos que o *ethos* da personagem revela uma imagem de esposa virtuosa conforme os padrões da sociedade, nos quais a mulher precisa cuidar e zelar pelo esposo, principalmente em caso de enfermidade. Assim, o *ethos* da mulher do médico se constrói pelo objetivo de se tornar “exemplar aos olhos do auditório” (MEYER, 2007, p. 34) naquilo que o auditório ou ouvinte espera/deseja ouvir.

O excerto seguinte se refere ao momento em que a mulher do médico e o médico chegam ao local escolhido pelo governo para colocar todos os contaminados. Subsequentemente, a personagem percebe que a cegueira se alastra por toda a cidade e que ela pode ser a próxima a ficar cega.





## Excerto 02

Também a minha vez chegará, pensou, quando, talvez neste mesmo instante, sem me dar tempo a acabar o que estou a dizer-me, em qualquer momento, como eles, ou talvez acorde cega, cegarei ao fechar os olhos para dormir, julgando que apenas adormeci. (SARAMAGO, 1995, p. 52)

A oradora formula sua tese enfatizando que também ficará cega. A fala da mulher do médico revela essa tese de forma bem clara, pois ela diz “também a minha vez chegará”, dando-se conta de que é apenas questão de dias para que seja contaminada pela cegueira, já que ela não apresenta nada de diferente dos outros seres humanos. Também percebemos essa sensação de impotência nas palavras “talvez acorde cega”, como se o fato de ela dormir a deixasse vulnerável à epidemia da cegueira.

Considerando o que dizem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), concordamos que o argumento é sempre construído e dirigido a um determinado público ou auditório, com um objetivo específico. Dadas essas considerações, percebemos que a personagem principal constrói, *a priori*, um *ethos* diferente do *ethos* do excerto anterior, pois ela se encontra com medo da epidemia da cegueira. Esse medo a faz uma mulher preocupada e amedrontada, receosa pela vida de todos. Entretanto, mesmo com o risco que corre, a personagem prefere passar pelo ímpeto de tornar-se cega, o que não contradiz o *ethos* revelado na primeira tese. Nesse viés, corroboramos com os apontamentos de Meyer (2007) ao afirmar que se faz necessário levar em consideração todo o contexto para que possa haver a interação entre o orador e o auditório.

O excerto a seguir é um fragmento de uma conversa entre a protagonista, o seu esposo e a rapariga dos óculos escuros. Essa conversa se deu logo após a mulher do médico encontrar o seu marido fazendo sexo com a outra personagem supracitada, que estava na mesma camarata que eles.

## Excerto 03

Calemo-nos todos, há ocasiões em que as palavras não servem de nada, quem me dera a mim também poder chorar, dizer tudo com lágrimas, não ter de falar para ser entendida. Sentou-se na borda da cama, estendeu o braço por cima dos dois corpos, como para cingi-los no mesmo amplexo, e, inclinando-se para a rapariga dos óculos escuros, murmurou-lhe baixinho ao ouvido, Eu vejo. (SARAMAGO, 1995, p. 172)

No excerto acima, podemos dizer que a oradora inicia a sua fala colocando em prática a sua tese de que às vezes é melhor permanecer calada, pois o fato de querer falar alguma coisa não





mudaria o seu comportamento, aliás, não mudaria o fato de ter sofrido o adultério. Falar alguma coisa ou chorar depois do que houve não iria fazer o tempo voltar nem desfazer a ação praticada.

Quando a protagonista fala “quem dera a mim poder chorar, dizer com lágrimas, não ter de falar para ser entendida”, ela se refere à cena que acabara de ver, os dois ali no meio da sujeira, fazendo sexo, sem ao menos se importar com a sua presença, depois de tudo que ela fez para ajudá-los. Esse seu choro poderia representar uma forma de discernimento de seu sentimento, que, de início, poderia ser a raiva de uma mulher traída.

Percebemos que a mulher do médico apresenta um *ethos* ou imagem de si que revela o que deseja passar para o público, ou as suas intenções para com o seu interlocutor, como apontam Costa e Souza (2009) e Meyer (2009). Vemos que ela deseja passar para o ouvinte o *ethos* de uma mulher aparentemente compreensiva, mas, ao mesmo tempo, de uma mulher conformada com a responsabilidade de que, mesmo sendo traída à luz dos próprios olhos, precisa se manter com uma imagem pacificadora, pois mais conflitos não alterariam o passado nem resolveriam as divergências vindouras. A oradora ainda diz para a outra mulher que ela pode ver tudo o que se passa, ficando claro que ela está no manicômio apenas para acompanhar e ajudar o seu esposo, para garantir à rival que mais cenas como aquelas não devem se repetir.

Assim, o *ethos* apresentado por meio dessa tese oscila entre aquele que é exposto ao auditório, de uma mulher pacificadora e compreensiva, e a imagem revelada apenas ao leitor, a de uma mulher que precisa suportar, inclusive, o sentimento de culpa por não poder fazer nada diante do contexto no qual se encontra. Isso reforça a ideia já discutida neste trabalho de que o *ethos* se liga “[...] à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo” (MEYER, 2007, p. 34). Esse fenômeno se estrutura na argumentação e diante de um auditório, sendo que o orador precisa elaborar seus argumentos para melhor revelar uma imagem de instância confiável e, assim, garantir o consentimento dos interlocutores (COSTA; SOUZA, 2009).

O próximo excerto se relaciona à parte da narrativa na qual os cegos malvados tomam conta da comida que vem do governo e passam a cobrar dos outros cegos, de modo que eles pagam com dinheiro e até mesmo com joias. Os malvados, ao saberem que não existe mais dinheiro, exigem o pagamento realizado pelo trabalho das mulheres, trabalho esse que seria na cama, ou seja, para que todos pudessem se alimentar, as mulheres teriam que se deitar com os cegos malvados. Na ocasião, uma mulher que já era um pouco velha e magrinha não resistiu a passar pelas mãos de tantos homens e faleceu. Devido a esse acontecimento, os homens que ficaram na camarata à espera das mulheres





queriam saber o nome da falecida; já que não podiam enxergar, queriam saber ao menos o nome da mulher que se sacrificou e que já não estava entre eles. Diante da situação, a mulher do médico defende o seguinte:

Excerto 04

Morreu, e nós já não somos as mesmas mulheres que daqui saímos, as palavras que elas diriam, já não as podemos dizer nós, e quanto às outras, o inominável existe, é esse o seu nome, nada mais. (SARAMAGO, 1995, p. 179)

Vemos que a oradora defende a tese ou ideia de que a situação as transformou em outras pessoas. À vista disso, percebemos que a tese se revela quando a oradora diz que já não eram mais as mesmas mulheres que de lá saíram, reportando-se ao fato de que antes só se deitaram com pessoas com quem gostavam de se relacionar. Ademais, o fato de terem entre elas a rapariga dos óculos escuros, uma mulher que antes ganhava dinheiro por meio dos seus atributos, deitando-se com muitos homens para o seu próprio sustento, não justificaria a crueldade pela qual elas tinham passado. Nesse viés, de acordo com Souza (2008, p. 66), “os oradores, ao construírem os seus textos, o que implica em defender teses, dialogam com os seus interlocutores [...]”. Percebemos, nesse diálogo, que os oradores almejam defender sua tese ou ideia como algo plausível, verídico, diante do auditório. Observamos que a mulher do médico em todo tempo tenta defender sua tese como algo verídico e plausível para o seu público.

Dessa forma, entendemos que a mulher do médico, nesse excerto, constrói um *ethos* diferente do apresentado no excerto 03, uma vez que diante do seu auditório, composto pelos cegos malvados, ela se posta com o *ethos* de mulher aguerrida que, diferente da imagem apaziguadora da tese anterior, enfrenta seus algozes, demarcando o espaço das mulheres, assim como o dela mesma, outrora assediada. Notamos que o *ethos*, como a imagem projetada e construída de si (MEYER, 2007), mudou de acordo com o auditório que a mulher do médico desejou alcançar.

Percebemos a mudança do *ethos* quando a oradora, mesmo colocando em risco a alimentação, que era o meio de sobrevivência de todos que estavam na quarentena, enfrenta os cegos malvados e revela explicitamente que não são mais as mesmas mulheres hoje, em detrimento do que foram quando violadas. Desse modo, visualizamos que a personagem, ao longo da narrativa, foi construindo novos *ethos* de acordo com a sua intenção argumentativa, como aponta Souza (2008) no que diz respeito à argumentação. De certo modo, isso demonstra como o *ethos* pode ser modificado de acordo com os objetivos do orador e com seu relacionamento com o auditório.





Subsequentemente, o enredo apresenta o momento no qual a mulher do médico, cansada de ter que se deitar a força com os cegos do mal, decide matar o responsável por todos os acontecimentos dos últimos dias. Isso, para ela, seria simples, já que a personagem enxergava e podia andar tranquilamente enquanto os mafiosos estavam se “deliciando” com as mulheres de outra camarata. Porém, ela fica a pensar como seria sua reação após concretizar o planejado. Sobre isso, ela diz o seguinte:

Excerto 05

E quando é que é necessário matar, perguntou a si mesma enquanto ia andando na direção do átrio, e a si mesma respondeu. Quando já está morto o que ainda está vivo. (SARAMAGO, 1995, p. 189)

Na sua fala, a personagem principal defende a tese de que, às vezes, é preciso matar alguém. Todavia, para chegar a esse extremo, é preciso um motivo muito forte como, por exemplo, a autodefesa, por essa razão ela se pergunta: “E quando é necessário matar?”. Percebemos que ela procura encontrar a resposta no seu subconsciente, uma forma de não se sentir culpada por ter matado o homem a quem teve que se submeter a uma relação sexual.

Verificamos que a oradora logo em seguida responde o seu próprio questionamento ao dizer para si mesma: “Quando já está morto o que ainda está vivo”. Dessa forma, volta a sua tese inicial, mostrando, mais uma vez, o porquê é preciso matar alguém. Diante disso, matou porque foi obrigada a se deitar com um homem sujo, violento e asqueroso. Com isso, ela demonstra ter perdido certos valores, como os atos de bondade e gentileza com o próximo, já que o malfeitor não teve qualquer consideração ao estuprar as mulheres que ali estavam. Por conseguinte, ela também estaria um pouco morta e não seria a mesma pessoa de quando chegou ao manicômio, e, outrossim, os cegos malvados também já não eram. Todos, de certo modo, estariam mortos, mesmo vivendo.

Nesse momento, a mulher do médico se encontra em profunda introspecção, em devaneios e mistura de sensações. Em razão dessa alteração de sentimentos, ela reafirma o *ethos* que já havia sido apresentado no excerto anterior, o de uma mulher aguerrida e justiceira, mas logo se encontra voltada a antigos valores que tivera, como uma espécie de remorso por chegar ao ponto de cometer um assassinato, igualando-se aos seus algozes. Vemos que a personagem construiu um *ethos* marcado pela emoção, pois, de acordo com Aristóteles, o orador manipula as emoções dos seus ouvintes para melhor atender aos seus propósitos; nesse caso, o remorso sentido pela personagem construiu um



*ethos* carregado de sentimento, que atingiu o seu auditório, ocasionando também uma verdade plausível (REBOUL, 2004) para o público.

O próximo excerto se refere ao momento em que os cegos do mal percebem que o seu mentor está morto. Há um alvoroço, cegos e cegas correndo para todos os lados. Com isso, os cegos malvados fazem uma barricada usando camas e colchões para taparem a porta da camarata, com o intuito de impedir que (o)a assassino(a) volte e faça outra vítima. A mulher do médico, ao perceber que havia uma cama tapando a porta, aproveita a ocasião, pega um isqueiro e atea fogo nas camas, dando início a um grande incêndio. Na sequência, a personagem principal fica apavorada com o fogo que se alastra pelo manicômio e tenta falar com os soldados que fazem a segurança do local, com o fito de que os deixem sair.

#### Excerto 06

Deixem-me passar, vou falar aos soldados, eles não podem deixar-nos morrer assim, os soldados também têm sentimentos. Graças à esperança de que os soldados tivessem de facto sentimentos, pôde abrir-se no aperto um estreito canal, por onde a mulher do médico avançou com dificuldades levando atrás de si os seus. (SARAMAGO, 2005, p. 209)

A mulher do médico, assustada com o fogo que se alastrava pelo manicômio, apresenta sua tese de que os soldados são solidários, ao pensar que existe um pouco de solidariedade nos corações daqueles que antes os impediam de sair do local. Isso fica bem evidente quando ela diz: “Deixem-me passar, vou falar aos soldados, eles não podem deixar-nos morrer assim, os soldados também têm sentimentos”. Ao falar “morrer assim”, a protagonista está se referindo à possibilidade de todos morrerem queimados pelo fogo.

Nesse caso, percebe-se que a oradora constitui um *ethos* de líder. No momento em que se coloca à frente de todos, ela se mostra independente, como se fosse a única com atitudes de quem tem condições para apaziguar a situação. É notório que ela não faz isso apenas para salvar a si mesma e o seu marido, já que poderia ter incentivado alguém a fazer isso ou recuado e esperado que os soldados agissem, clamando. Por esse viés, o objetivo da protagonista era salvar a todos que ali estavam, inclusive os algozes, causadores do incêndio, o que implica um *ethos* de grande líder, que se apresenta bem diferente daquele do início da narrativa, revelado no excerto 02, quando se colocava como uma mulher medrosa diante da cegueira e que temia, inclusive, dormir, já que poderia tornar-se cega também. Isso se justifica pelos acontecimentos a que ela foi submetida no desenrolar da



narrativa. Percebemos que as mudanças ocasionadas a partir da cegueira induzem a protagonista a compor um *ethos* de líder.

Notamos que o *ethos* da personagem muda de acordo com o objetivo que deseja alcançar. Seu *ethos* foi sendo construído e passou de mulher medrosa até chegar ao seu objetivo final: de mulher líder. Vemos que a imagem que a personagem projetou de si (MEYER, 2007) teve o intuito de “[...] convencer o seu auditório da veracidade ou plausibilidade de seus argumentos[...].” (SOUZA, 2008, p. 66).

O excerto seguinte encontra-se na parte da narrativa em que a mulher do médico consegue sair do manicômio, juntamente com os seus, e parte em busca das casas de cada um. Primeiramente, vão em direção à casa da rapariga dos óculos escuros. Ao chegarem ao local, não encontram sua mãe, pois também ficou cega e foi levada pelo governo para outro lugar. Com isso, a rapariga resolve seguir com os outros, já que eles se tornaram como que uma família. Outros personagens também não conseguiram encontrar suas casas e, assim, todos seguiram para a casa onde morava a mulher do médico e o médico. Diante de todos reunidos em sua casa, a protagonista pensa e diz:

#### Excerto 07

Como o tempo passa, ainda outro dia fomos felizes aqui, a ela o que chocou foi a decepção, inconscientemente acreditara que, por ser a sua, encontraria a rua limpa, varrida, asseada, que os seus vizinhos estariam cegos dos olhos, mas não do entendimento. Que estupidez a minha, disse em voz alta. (SARAMAGO, 1995, p. 256)

A oradora apresenta a tese de que um dia foram felizes. Percebemos que ela fala lembrando-se do tempo em que fora feliz ao lado do seu esposo, antes da cegueira, da quarentena, do manicômio e de tudo de pior que viveram. Essa tese, que fica explícita quando diz “como o tempo passa, ainda outro dia fomos felizes aqui”, remete ao passado para avaliar os acontecimentos recentes e o presente, chegando à conclusão do quanto, em outros tempos, eram felizes, ele que antes saía todos os dias para o trabalho e ela que sempre o esperava para jantarem juntos e para falarem dos acontecimentos do dia, e assim seguirem uma vida monótona e típica dos estereótipos de família e de esposa. Existe, portanto, a imagem cristalizada de uma família constituída por uma figura masculina que trabalha e sustenta a casa e por uma figura feminina que cuida de si, da casa e de seu esposo.

Nesse momento, a personagem principal apresenta-nos um *ethos* de uma pessoa que se coloca em primeiro lugar, com amor-próprio, vaidade, altivez, sentimentos relacionados ao amor pelos próprios interesses que, nesse caso, era a sua vida monótona e tênue. Ela servia única e





exclusivamente aos interesses do médico, não levava em consideração tudo o que viveu e superou para construir aprendizado e lutar de forma emancipada por uma sociedade mais consciente e empática, nem como lutou bravamente contra todas as nuances que a cegueira doutrem lhe causou.

Logo, a mulher do médico só desejava chegar em casa e retomar a vida que tinha antes, como se a chegada em seu aconchego fosse a solução para todos os problemas, e principalmente a solução para os problemas enfrentados atualmente pela sociedade em que viviam. Enxergamos que o *ethos* da mulher do médico ao longo da narrativa se colocou “exemplar aos olhos do auditório” (MEYER, 2007, p.34), dando exemplo de algo a ser seguido.

O próximo excerto se refere ao momento no qual a mulher do médico se encontra exausta por ter que cuidar do seu esposo e também dos outros que foram contaminados com a cegueira. E, em uma deliberação consigo mesma, ela apresenta o seguinte:

Excerto 08

Aguentarei enquanto puder, mas é verdade que as forças já me estão a faltar, às vezes dou por mim a querer ser cega para tornar-me igual aos outros, para não ter mais obrigações do que eles. (SARAMAGO, 1995, p. 293)

A oradora revela, a princípio, que aguentará o quanto puder para continuar a ser a única que tem visão perante uma sociedade de cegos. A protagonista mostra que precisará lutar diante de tudo que aconteceu em decorrência da epidemia da cegueira branca. Contudo, ao dizer: “às vezes dou por mim a querer ser cega para tornar-me igual aos outros”, a mulher do médico refere-se ao fato de não ter a obrigação de cuidar das outras pessoas. Adiante, a oradora apresenta o que seria a essência que constituía seu *ethos* naquele momento, que era o desejo de cegar para não ter que ter mais obrigações do que os cegos. Em outras palavras, desejava cegar para não ter que enfrentar a sociedade como a única que enxergava. Nesse caso, “[...] à própria imagem do orador/enunciador, constituída no discurso, nos efeitos argumentativos, assim como à identidade com o auditório que esse orador busca construir, no intuito de persuadi-lo [...]” (SOUZA, 2003, p. 49).

Dessa maneira, a protagonista reforça o *ethos* de uma mulher egoísta, que não se apropria das melhores condições que possui para constituir-se enquanto líder e aguerrida, quando como demonstrou ser durante a quarentena no manicômio. A respeito disso, a mulher do médico se coloca como individualista, já que o desejo de cegar e de se igualar aos demais a priva do dever de ter obrigações a mais perante as outras pessoas, o que impossibilitaria a busca por melhorias coletivas. Vejamos abaixo o quadro que demonstra a dualidade do *ethos* da personagem:





**Quadro 1:** *Ethos* sob dualidades

Companheira e forte	Amedrontada
Compreensiva	Acovardada
Aguerrida	Vaidosa
Justiceira	Individualista
Líder	-

**Fonte:** elaborado pelos autores

Diante dessas análises, traçamos possíveis caminhos e interpretações que possibilitam perceber o *ethos* da personagem mulher do médico sob o olhar teórico da argumentação na Nova Retórica. Não obstante, esclarecemos que as interpretações aqui mobilizadas não esgotam as possibilidades de sentido que as falas da personagem, bem como toda a obra, podem ter sob o olhar teórico da Nova Retórica ou de qualquer outro estudo.

#### 4 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, investigamos como se constituiu o *ethos* da mulher do médico, personagem protagonista do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Para tanto, analisamos as teses e como elas se construíram em momentos preciosos do enredo da obra para compor o *ethos* da personagem analisada. À vista disso, percebemos que a constituição do *ethos* da mulher do médico se oferece de acordo com os acontecimentos aos quais ela vai sendo submetida no desenrolar da narrativa, pois a oradora apresenta comportamentos diferentes para cada uma das situações vividas. Com o passar dos fatos narrados, vimos que o *ethos* da personagem feminina foi se modificando diante de sua trajetória. Percebe-se então que, no início da narrativa, a protagonista apresentava uma vida feliz e estável ao lado do seu esposo, mas a epidemia da cegueira branca modifica toda a sua vida e, com isso, o seu *ethos* passa por várias transformações.

De acordo com os excertos analisados, verificamos que a oradora, logo de início, apresenta o *ethos* de uma mulher companheira e ao mesmo tempo de personalidade forte, já que se finge de cega para poder acompanhar o seu amado e, conseqüentemente, poder cuidar da sua saúde. No excerto 02, notamos que a protagonista se encontra numa situação catastrófica, pois ela passa a conviver com vários cegos em um lugar totalmente sujo e sem nenhum conforto. Nesse caso, aquela que antes apresentava o *ethos* de uma mulher de personalidade forte passa para um *ethos* de pessoa preocupada e amedrontada, pois ela teme ser a próxima vítima da cegueira branca.





No que diz respeito aos excertos 03 e 04, analisamos que a personagem compõe um *ethos* de uma mulher compreensiva ao mesmo tempo em que carrega o sentimento de culpa por não poder fazer nada para alterar o que presenciou. Mostra-se compreensiva em relação à traição do seu marido e, também, solidária, principalmente depois que a sua colega de camarata faleceu por ser mais idosa e não suportar ser estuprada por vários homens. Diante disso, no excerto 04, a oradora estrutura um *ethos* aguerrido e destemido, por enfrentar aqueles que abusavam da fragilidade da mulher perante a necessidade de alimentação e sobrevivência de todos, demonstrando não recorrer ao pacifismo, mas enfrentar as adversidades por uma questão de resistência.

Nos excertos 05 e 06, a oradora compõe um *ethos* de uma mulher aguerrida, forte, corajosa e, acima de tudo, um *ethos* de líder, pois, em meio a tantos obstáculos enfrentados, a mulher do médico sempre encontra soluções para sair das situações de risco. Com isso, ela se mostra um ser humano que toma a frente das responsabilidades para garantir a sobrevivência de todos que estão no manicômio.

Já no excerto 07, deparamo-nos com a construção de um *ethos* de uma mulher acovardada diante do que vislumbra e, de certa forma, vaidosa e possuidora de amor-próprio, pois nesse momento a protagonista apresenta um sentimento individualista para com seus interesses pelo fato de querer a sua vida monótona e dependente do marido de volta. Seguindo esse mesmo viés, no excerto 08, percebemos mais uma vez a formação de um *ethos* de uma mulher acovardada e individualista, porque deseja se tornar cega para não ter obrigações a mais em relação as outras pessoas.

Diante dos excertos analisados, percebemos que, durante todo o desenrolar da narrativa, o *ethos* da mulher do médico se encontra em constante oscilação. Às vezes, compõe-se de um *ethos* de mulher companheira, preocupada, amedrontada, passando por um *ethos* de mulher aguerrida, justiceira e líder; também nos deparamos com o *ethos* de uma mulher com amor-próprio, vaidosa e com interesses pessoais. Dessa maneira, pôde-se constatar que o *ethos* da protagonista se constitui sob dualidades, que oscilam entre a imagem de uma mulher ativa à imagem de uma mulher fadada ao fracasso.

Portanto, os resultados deste estudo reafirmam como o *ethos* se constrói na e pela argumentação. Além disso, contribuem para as discussões teóricas e analíticas da Nova Retórica, sobretudo nas questões sobre *ethos* do orador e sua relação indissociável com o auditório na construção argumentativa. Observamos que as oscilações do *ethos* da mulher do médico se dão em decorrência de todo o trajeto em que essa personagem é colocada dentro da narrativa. Então, perante



as oscilações do *ethos* da personagem analisada, do início até o final dos excertos escolhidos dentro da narrativa – que apresentam a imagem de alguém que se coloca em primeiro lugar e é individualista –, podemos refletir sobre outro viés: o de como é difícil e desgastante ser a única a “enxergar” em uma sociedade de “cegos”.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, L. R. B. Os objetos-de-discurso em *Ensaio sobre a Cegueira*: variações e intenções. In: ENCONTRO DO MESTRADO EM LETRAS, 3., 2008, Teresina. **Anais** [...]. Teresina: EDUFIP, 2009. CD-RUM.

ALVES, M. L.; SOUZA, G. S. de. Na tensão de vozes, a (re)velação de imagens: o ethos de estudantes de letras em relatórios de estágio. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 2, n. 1, p. 125-146, 2013

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Alberto Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

COSTA, R. L. da.; SOUZA, G. S. de. O professor de letras e o seu discurso: a construção do ethos de professores do ensino superior. **Letras Magna**, [S. l.], ano 5, n. 10, p. 1-16, 2009.

MEYER, M. A unidade da retórica e seus componentes: *ethos, pathos e logos*. In: MEYER, M. (org.). **A retórica**. Tradução: Marley N. Peres. São Paulo: 2007. p. 34-49.

MOSCA, L. do L. S. **Retóricas de ontem e hoje**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2001.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SENA, G. C. A.; FIGUEIREDO, M. F. Um estudo da teoria da argumentação da retórica aristotélica à teoria dos blocos semânticos. **Diálogo das Letras**, v. 2, n. 1, p. 4-23, 2013.

SILVA, A. A. da. Da origem da retórica à teoria da argumentação no discurso. In: SILVA, A. A. da. **Argumentação em textos escritos por crianças em fase de alfabetização**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2013. p. 21-40.

SOUZA, G. S. de. Argumentação no discurso: questões conceituais. In: FREITAS, A. C de.; RODRIGUES, L de O.; SAMPAIO, M. L. P. (org.). **Linguagem, discurso e cultura**: múltiplos objetos e abordagens. Mossoró: Queima-Bucha/Edições UERN, 2008. p. 57-74.





SOUZA, G. S. de. **O Nordeste em mídia**: um (des) encontro de sentidos. 2003. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, *campus* de Araraquara, Universidade Estadual paulista “Julio Mesquita Filho”, São Paulo, 2003.

SOUZA, G. S. de.; COSTA, R. L. da.; MOREIRA, M. C. de F. O que diz o egresso de um curso de Letras sobre sua formação: argumentação em discursos sobre o ensino superior. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 6, n. 1, p. 387-404, 2017.

TEIXEIRA, G. L. A violência é cega: reflexões em torno de *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago. **Revista Aurora**, São Paulo, n. 40, p. 19-27, 2010.

*Artigo recebido em: 19/03/2021*

*Artigo aprovado em: 17/05/2021*

*Artigo publicado em: 12/08/2021*

#### COMO CITAR

ALMEIDA, S. S. de; LIMA, S. J. B. de; OLIVEIRA, P. da S.; SOUZA, G. S. de. “Se podes ver, repara”: um olhar sobre o *ethos* da mulher do médico em *Ensaio sobre a cegueira*. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1-20, e02109, 2021.

